

# MULHER BACANA LÊ E ESCREVE TANBÉN

No mês em que acontece a Festa Literária Internacional de Paraty, selecionamos escritoras mulheres para ler e acompanhar. De gerações, nacionalidades e vivências diferentes, elas guardam em comum a potência através das palavras

Por Malu Pinheiro, Nívia Passos e Paula Jacob

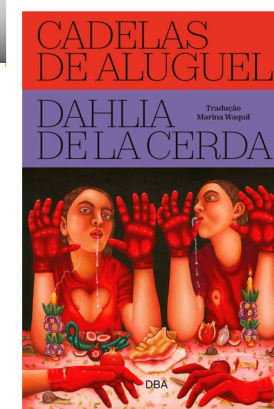




Todo ano, a Flip reúne grandes e emergentes nomes da literatura brasileira e estrangeira em cinco dias de celebração da palavra como ofício. Paraty recebe turistas de diversos estados e países, que circulam pelas ruas do Centro Histórico em busca de novas histórias para escutar, autores para conhecer ou até mesmo para reverenciar – a fila de autógrafos é disputadíssima. Em 2025, mais uma vez sob a curadoria de Ana Lima Cecilio, a festa literária retorna ao calendário tradicional no mês de julho e homenageia o poeta multifacetado Paulo Leminski. Na programação, a poesia ganha tração, colocando no radar dos brasileiros uma vertente literária importante, mas pouco difundida no País. E, claro, a bibliodiversidade se espalha para além do palco principal, ganhando destaque também nas mesas paralelas, em casas parceiras. No fim, é a oportunidade perfeita para curtir ou mergulhar ainda mais na cena cultural e viver na pele o que os livros podem fazer por alguém. Por isso, este especial que você vê nesta edição é tão significativo: são escritoras de diferentes idades, regiões e contextos, que têm suas vidas entrelaçadas pela urgência de se fazer presente na página, no texto, na linguagem – independente do formato. Da recém-conquista de Ana Maria Gonçalves na Academia Brasileira de Letras até a raiva transformada em contos vívidos de Dahlia de la Cerda, reunimos nove nomes que são destaque desta edição, para conhecer, admirar e apoiar.



## DAHLIA DE LA CERDA



### CADELAS DE ALUGUEL

(EDITORA DBA, R\$ 72,90)

Foi movida pela revolta que a mexicana Dahlia de la Cerda, de 40 anos, iniciou a carreira de escritora. Em busca de justiça, após uma morte violenta em sua família, fruto do feminicídio, ela viu nas palavras uma ferramenta política e de denúncia, além de buscar a cura para a própria dor através delas. “Percebi que não havia literatura que tratasse desse tema a partir de uma perspectiva politizada, que problematizasse a violência contra as mulheres”, conta. O resultado foi *Cadelas de Aluguel*, um livro de 13 contos que exploram de maneira visceral o contexto de desigualdade de gênero e a busca por vingança e justiça.

Com personagens imperfeitas, que fogem de estereótipos maniqueístas, o interesse dela era o de fazer com que os leitores conseguissem sentir empatia por protagonistas moralmente ambíguas. “É fácil se conectar com uma mulher que aborta após um estupro, mas não com uma que tomou essa decisão porque quis aproveitar uma noite. Quero que, por meio da escrita, se gere empatia com aquelas que foram historicamente desprezadas, esquecidas ou julgadas. Para mim, essa é uma aposta política e literária”, explica.

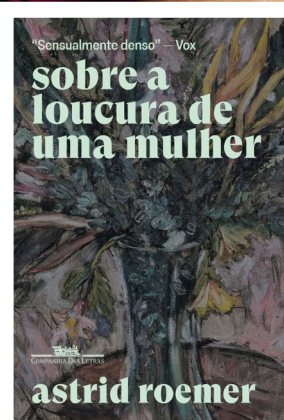
Vencedor do Prêmio Nacional de Cuento Joven Comala, seu livro foi lançado no Brasil em fevereiro deste ano pela Editora DBA. A repercussão levou Dahlia para a Flip deste ano, estreando na mesa “Ser Mulher na América Latina”, ao lado da argentina Dolores Reyes. “Estou em choque. Em 2019, eu ainda vendia roupas usadas e quinquilharias em uma feira de Aguascalientes chamada *La Línea de Fuego*. É uma honra estar em uma festa tão importante, embora ainda não tenha caído totalmente a ficha.”

Admiradora de autoras brasileiras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo – embora lamenta a falta de tradução dos títulos daqui no México –, ela reflete que a raiva por situações como as que foram descritas em *Cadelas de Aluguel* é o que conecta mulheres de vários países. Sua voz literária, como a de tantas outras escritoras, funciona nesse contexto como uma forma de lançar luz sobre esse sentimento universal. “As violências que atravessam as mulheres na Polônia, na Argentina ou no México podem ser muito diferentes, mas há uma emoção que nos une: a fúria diante do machismo, do sexismo, da misoginia. Essa raiva feminina é o fio comum, o ponto de identificação”, pontua.

Além de escritora, dona de casa e apaixonada por música e cinema – especialmente com histórias de vampiros –, Dahlia de la Cerda também é fundadora do coletivo Morras Help Morras, em que acompanha abortos e oferece informação e apoio emocional a mulheres e pessoas com capacidade de gestar que decidiram interromper a gravidez. →



# ASTRID ROEMER



## SOBRE A LOUCURA DE UMA MULHER

(COMPANHIA DAS LETRAS, R\$ 79,90)

Conhecida como a escritora que deu voz à libertação feminina no Suriname, Astrid Roemer marcou presença na 23ª edição da Flip, em Paraty, ao lado de Verônica Pereira, na mesa "Pertencer, transformar", com mediação de Adriana Ferreira Silva. Em sua estreia na Festa Literária Internacional, a autora surinamesa compartilhou sua trajetória marcada pela luta, exílio e literatura. Aos 78 anos, Astrid é a primeira escritora de origem caribenha a vencer os dois prêmios mais prestigiados da literatura holandesa: o P.C. Hooft (2016) e o Prijs der Nederlandse Letteren (2021) – e chega ao público brasileiro com um de seus romances mais impactantes: *Sobre a Loucura de uma Mulher*, lançado pela Companhia das Letras em maio deste ano.

Nascida em Paramaribo, no Suriname, em 1947, Astrid emigrou para a Holanda aos 19 anos e construiu uma obra marcada por temas como raça, gênero, sexualidade e os efeitos da colonização. Em prosa fragmentada, poética e muitas vezes experimental, a autora costura a história de Noenka, uma mulher que abandonou um casamento abusivo e, ao buscar sua liberdade, mergulha em paixões, traumas e resistências em uma sociedade marcada pela brutalidade patriarcal e colonial. "Nobre e nua, eu queria conduzir minha própria vida", diz a personagem, cuja trajetória ressoa com tantas outras histórias silenciadas.

Publicado originalmente em 1982, o livro foi redescoberto com força nos Estados Unidos ao ser traduzido para o inglês como *On a Woman's Madness* e indicado ao National Book Award, um dos mais importantes prêmios literários dos Estados Unidos da América. A repercussão recente recolocou a autora no mapa da literatura internacional e, como ela mesma afirmou em entrevista ao The New York Times, a tradução fez o romance "florescer de novo".

Referência para gerações de autoras caribenhas, Astrid tem seu nome ao lado de gigantes como Toni Morrison e Alice Walker – ambas, aliás, ela conheceu pessoalmente nos anos 1980. Publicada agora em português, mostra que sua literatura segue viva, política e necessária. Uma voz vinda da costa caribenha da América do Sul que, finalmente, encontra o reconhecimento merecido também no Brasil. →

# ANA MARIA GONÇALVES



Oitava mulher negra a publicar um romance no Brasil e a primeira a fazer parte da Academia Brasileira de Letras em 128 anos: essas duas grandes conquistas marcam a carreira de Ana Maria Gonçalves, que também teve o seu livro *Um Defeito de Cor* como o mais vendido do Brasil em 2024, logo depois de ter sido tema do samba-enredo da Portela.

Nascida em Ibiá, Minas Gerais, Ana Maria começou a vida profissional como publicitária em São Paulo. Mas, antes de completar 30 anos, decidiu escrever o próprio obituário e percebeu que não estava orgulhosa da trajetória que estava seguindo. Do incômodo surgiu a decisão que mudaria tudo: foi para a Bahia e, durante cinco anos, entre pesquisas e escritas, se dedicou às mais de 900 páginas do romance que conta a saga de Kehinde, sequestrada aos 8 anos no Reino do Daomé, atual Benin, para ser escravizada na Ilha de Itaparica.

A inspiração para a narrativa partiu da própria realidade da autora como mulher negra. O desejo era ler um romance que contasse a história do Brasil pela perspectiva de pessoas como ela, e que fossem personagens construídos com camadas e complexidades, longe dos estereótipos que ainda permaneciam em muitos títulos. O resultado, além de tê-la conduzido para um novo caminho de orgulho, pode ser medido pelos números e todo o reconhecimento conquistado. *Um Defeito de Cor*, publicado em 2006 pela Record, vendeu mais de 150 mil exemplares; foi premiado como Romance do Ano, em 2007, no Casa de las Américas; ocupou o 1º lugar em uma lista dos melhores livros brasileiros do século 21, feita pela Folha de S. Paulo; e, em julho deste ano, colocou a autora entre os maiores nomes da literatura com a histórica entrada na ABL.

Nesta edição da Festa Literária Internacional de Paraty, como não poderia ser diferente, Ana Maria Gonçalves fez parte da programação ao lado de sua editora na Record, Livia Vianna. Na esquina "Piauí + Netflix", as duas conversaram sobre sua trajetória como escritora – que, além do romance histórico, fez sua estreia no mundo dos romances com *Ao Lado* e *à Margem do Que Sentes por Mim*, publicado de forma independente em 2002. Íntima das palavras e com um tom de voz único, também marcou seu nome no teatro com *Tchau, Querida* (2016), que teve direção de Wagner Moura; e *Chão de Pequenos* (2017) e *PretOperltamar – O caminho Que Vai Dar Aqui* (2019), ambos com coautoria. Em 2017, junto a outros autores contemporâneos, também foi publicada na antologia *Uns e Outros: Contos Espelhados*, da Editora Dublinense. →



## UM DEFEITO DE COR

(EDITORIA RECORD, R\$ 119,90)



# GIOVANA MADALOSSO

"A arte me coloca num lugar de certa humildade, porque não tenho controle. Ela me faz dar o tempo certo de cada coisa. Não adianta fazer cronograma, dedicar horas, se o livro não está maduro." É assim que Giovana Madalosso se sentiu após o processo de escrita do seu mais recente romance, *Batida Só* (Todavia), que acompanha a jornalista Maria João em uma saga para entender a sua recém-diagnosticada arritmia cardíaca. A história nasceu a partir de uma cena que a escritora viu na rua, de uma mãe cuidando de sua filha enferma, e de algo que ela própria viveu em casa – mas, de antemão, é tudo 100% ficcional. "Foram quatro anos para amadurecer o livro, ter coragem; dois deles só burilando como eu distanciaria o vivido e o ficcional", diz.

Dessa meditação, ela trouxe as ferramentas para tratar de um assunto (ou uma junção de assuntos) que muito lhe interessa: corpo, doença, ciência e fé. A sua protagonista reencontra uma amiga de infância, com um filho em caso de leucemia grave, que busca, para além da medicina tradicional, alicerces e tratamentos espirituais. "Ouvi de um médico a sugestão de procurar um médium para a questão com a minha filha. Fiquei chocada, 'como esse homem da ciência está me dando uma sugestão dessas!', pensei. Mas, por conta disso, conheci lugares de curas. Quando comecei a escrever o livro, anos depois, veio tudo", comenta. "Criei esses personagens para ter uma conversa comigo mesma sobre esses mistérios. E continuo sem respostas, e continuarei sem respostas. Ninguém as tem."

A atmosfera abstrata do encontro entre dois polos que parecem tão distantes em uma sociedade fincada na explicação racional para tudo, ganha uma experiência estética e metafórica na palavra. O coração, o descompasso de Maria João, se torna uma metáfora das emoções humanas – e sua busca por abafá-las também diz muito sobre o medo atual do sofrimento. Essa capacidade de sintetizar algo tão do momento presente já ronda a escrita de Madalosso nos seus *Suíte Tóquio* (2020), finalista do Prêmio Jabuti, e *Tudo Pode Ser Roubado* (2018). "Fui roteirista, mas nunca me interessei por escrever uma série de época, por exemplo. Meu objeto de pesquisa sempre foi o sujeito contemporâneo."

Os momentos de pesquisa e atenção às notícias do agora cessam quando a autora se fecha para desligar do mundo externo e focar no mundo que ela criou. Durante esta entrevista, mostra pelo Zoom a parede cheia de colagens e anotações, onde guarda elementos variados que podem (ou não) compor suas histórias. "A escrita é a forma como me relaciono com o mundo – tudo me faz escrever. Se isso vai ser publicado ou não, não importa." →



**BATIDA SÓ**

(EDITORA TODAVIA, R\$ 74,90)

# LIV STRÖMQUIST

Feminismo, política, desejo, padrões de beleza e relações de poder surgem como temas das histórias em quadrinhos nada convencionais de Liv Strömquist. Formada em sociologia e ciência política, com doutorado honorário pela Universidade de Lund – e uma carreira multifacetada com experiências como radialista e apresentadora de TV –, ela une a observação acadêmica bem embasada e a pesquisa jornalística com elementos da cultura pop para construir narrativas sobre a sociedade atual.

Seu trabalho recorre frequentemente a figuras como Kylie Jenner, Marilyn Monroe e a imperatriz Sissi para exemplificar situações de pressão estética e culto à juventude, por exemplo, tema do excelente *Na Sala dos Espelhos*. E com a sua mágica e humor ácido, ela capta teorias como o desejo mimético (René Girard), a sexualidade como motor de consumo (Eva Illouz), o voyeurismo das imagens (Susan Sontag) e o conceito de sociedade líquida (Bauman) para mostrar por a+b como estamos vivendo tempos malucos demais.

Esse ideal de beleza impossível, para ela, alimenta não apenas frustrações pessoais, mas também o consumo desenfreado, reforçando sistemas que lucram com a insegurança. "A filosofia, às vezes, parece inacessível, mas precisamos questionar a sociedade da imagem — ou estaremos vendidos ao progresso tecnológico", afirmou em entrevista à *Vogue Espanha*. Ela questiona, portanto, como, mesmo tendo avanços no discurso social, a coisificação e a sexualização femininas persistem sob novas formas.

Não à toa, Liv alcançou o posto de uma das mais influentes quadrinistas e escritoras suecas e, por consequência, um público apaixonado em mais de 20 países. Aqui no Brasil, a Quadrinhos na Cia. publicou *A Origem do Mundo*, *A Rosa Mais Vermelha Desabrocha*, *Na Sala dos Espelhos*, e o mais recente, *A Astrologia*. Este último é um fascinante passeio na obsessão social por explicações cósmicas desde tempos remotos – e como hoje isso se multiplica pelos discursos nas redes sociais.

O formato em quadrinhos também é uma aposta da autora na abertura de conversas mais honestas sobre temas de relevância global. Rimos, choramos, refletimos e criamos diálogos internos com situações tragicômicas – muitas vezes, só trágicas ou só cômicas – que nos despertam para um novo jeito de enxergar tudo aquilo que faz parte do nosso cotidiano. →

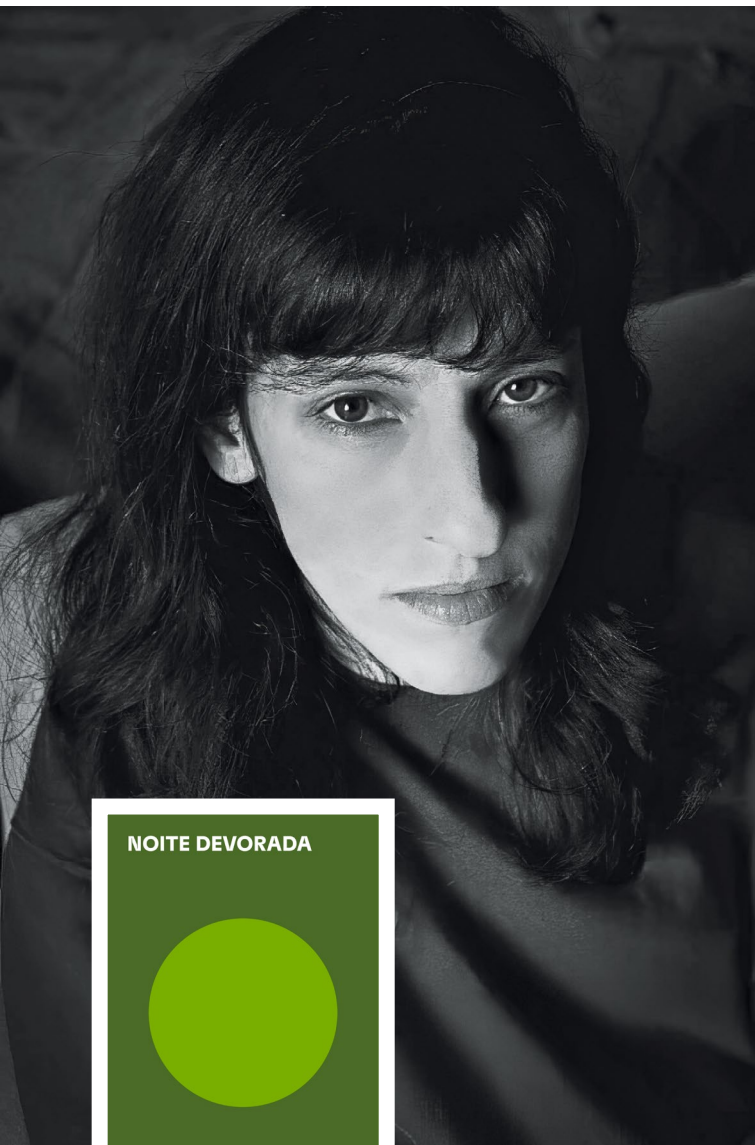


**A ASTROLOGIA**

(COMPANHIA DAS LETRAS, R\$ 99,90)



# MAR BECKER



## NOITE DEVORADA

(CÍRCULO DE POEMAS, R\$ 69,90)

Nascida em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Mar Becker conta que o seu contato com a escrita remonta ao começo da sua experiência como leitora. Ela e sua irmã gêmea, Marielle, sempre tinham o hábito de pegar livros emprestados na biblioteca pública da cidade para conhecerem novos mundos. Murilo Mendes, Clarice Lispector, Virginia Woolf foram algumas dessas figuras inaugurais da curiosidade inerente dessas mentes inquietas. “Éramos um corpo leitor de duas cabeças, tentando entender o mundo pelo texto. Uma dupla que dialogava sobre esses livros e autores”, conta.

Mais tarde, a faculdade de filosofia fez Mar entrar em contato com outro tipo de texto, um mais acadêmico, formal, espaço que precisou compreender também e tirar o melhor dele. “Foi importante para criar o rigor, o registro, a ideia expressa em linguagem.” Foi quando, em 2009, decidiu criar um blog para tornar disso um hábito, algo que evoluiu para as redes sociais. “Eu bebo da filosofia ainda, principalmente da filosofia da linguagem, essa que verga o texto para encostar no indizível.”

Suas palavras tão poéticas transbordam para além dos versos de seus livros, que começaram a ser publicados em 2020, quando estreou com *A Mulher Submersa* (Urutau), finalista do Prêmio Jabuti e tido como um dos melhores do ano em listas do *Suplemento Pernambuco* e da revista *Quatro Cinco Um*, veículos especializados em literatura. Depois, vieram *Sal* (2022, Assírio & Alvim Brasil) e *Cova Profunda É a Boca das Mulheres Estranhas*, plaquete de 2024 do projeto *Círculo de Poemas*, uma iniciativa da editora Fósforo. “Nunca vi algo parecido com isso no Brasil, de dar tanto protagonismo para a poesia. E isso também tem a ver com os clubes de leitura no País, que têm movimentado muito a cena, têm feito chegar em mais espaços”, diz.

Seu mais recente, *Noite Devorada* (Círculo de Poemas), faz um passeio desconcertante e hipnótico pelas entranhas afetivas no corpo físico – e suas consequências no emocional. “Acho interessante pensar no arco que vem desde *A Mulher Submersa*, quando me questionei quem eu era enquanto mulher. Em *Sal*, uma escrita mais porosa, daquilo que vem do outro, uma coisa de alteridade mesmo. Aqui, vejo como um livro, um corpo atravessado por janelas: tem medo, vento, maternagem, limites, luto, dores, prazeres, brilho nos olhos. Um corpo que se abre para o amor e se vê opticamente percorrido por tudo.”

Esse mistério e a impossibilidade de escapar da escrita como existência fizeram parte da conversa de Mar Becker com Monique Malcher na mesa “Todas as Formas”. Um espio nesses formatos e jeitos híbridos de enxergar a literatura – um que foge de estereótipos e caixinhas limitantes. →



# MONIQUE MALCHER

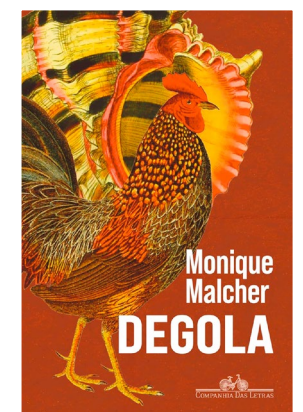
Durante o mestrado em antropologia e o doutorado em ciências humanas, Monique Malcher percebeu que poderia levar sua escrita para um lugar ainda mais comprometido com a pesquisa etnográfica. Nascida em Santarém, no interior do Pará, e hoje vivendo em São Paulo, ela é escritora, artista visual, jornalista e doutora em antropologia com ênfase em estudos de gênero. Sua obra está profundamente enraizada na Amazônia, nos afetos familiares e na experiência coletiva das mulheres da região Norte – uma escrita que se desdobra em camadas de memória, denúncia e reinvenção.

Reconhecida nacionalmente com o Prêmio Jabuti de 2021, que venceu com o livro de contos *Flor de Gume*, Monique tornou-se a segunda mulher nortista a conquistar a premiação na categoria de ficção. A coletânea, publicada originalmente pela editora Jandaíra e relançada em 2025 pela Moinhos, circulou também fora do País: foi homenageada em bibliotecas nos Estados Unidos, incluída em cursos universitários e será traduzida para o espanhol.

Agora, com *Degola* (publicada pela Companhia das Letras em julho), ela estreia como romancista. O livro traz a história de Sol, uma menina que cresceu em uma ocupação de terra em Manaus e revisita sua infância marcada por afeto, violência e resistência. A narrativa, segundo a autora, “defende o direito de encontrar uma beleza possível dentro de si mesma quando a realidade parece um inferno”. Ao lado das personagens Irmã Eliana e Joana, *Degola* discute infância, migração, luta por moradia e protagonismo feminino. “Muito se fala sobre os homens no processo migratório, mas as mulheres sempre foram importantes nessa história. Isso me interessa bastante: falar de nós de uma forma que não falam”, diz.

A literatura de Monique nasce do corpo e das vivências. “Escrever sempre foi assistir meu corpo se movimentar pela descoberta de estar no mundo”, conta. Desde a infância, a escrita foi aliada e refúgio. Para ela, escrever é também uma forma de fazer política – mesmo quando há medo. “O desafio em *Degola* foi refazer o pacto comigo mesma, não ceder ao que esperavam de mim. Ser a Monique comprometida com seus desconfortos e questões. Escrever um livro de contos ou um romance é deixar que ecoe esse posicionamento de vida.”

Entre Santarém, Manaus e São Paulo, entre o campo e a biblioteca, Monique segue escrevendo o mundo a partir de uma perspectiva amazônica, feminista e profundamente humana. Em suas palavras, “*Degola* se propõe a ocupar página, coração e pensamento” – e é exatamente isso que sua literatura faz. →



## DEGOLA

(COMPANHIA DAS LETRAS, R\$ 74,90)



# ROSA MONTERO

"Você nunca escolhe os livros que escreve, são eles que te escolhem." Com essa frase, Rosa Montero, escritora espanhola de 74 anos, começou a responder sobre a inspiração para *A Louca da Casa* – escrito em 2003 e lançado no Brasil no fim do ano passado pela editora Todavia. Apesar da distância de mais de 20 anos de *O Perigo de Estar Lúcida* – que chegou por aqui em 2023, pouco depois do lançamento na Espanha –, os dois têm em comum um dos principais pontos que permeiam a obra da autora: o que está por trás da imaginação que move todo escritor. "A *Louca da Casa* planta uma série de perguntas sobre o funcionamento da cabeça e *O Perigo de Estar Lúcida* a contesta", reflete.

Foi com *A Louca da Casa*, inclusive, que Rosa estabeleceu ainda mais seu gênero próprio: a mistura de ficção, não ficção, ensaio e autobiografia não confiável, que chama de Artefato Literário. "Eu acreditava que iria escrever um pequeno ensaio convencional sobre a escrita, mas acabou indo para outro lado e surgiu essa espécie híbrida que inventei. Depois, também me dei conta que o livro não era sobre escrever, mas sobre a imaginação. Como ela funciona e como pode salvar a todos os humanos", conta.

Jornalista desde os 19 anos, passando por títulos como *El País*, a autora também usa recursos dessa formação para investigar fatos e misturar verdades no meio das tantas camadas imaginativas de seu texto, ainda que considere que os gêneros literários e jornalísticos venham de universos completamente diferentes. Seu primeiro romance, depois das várias reportagens e entrevistas com figuras emblemáticas, foi lançado em 1979 com o título *Crônicas del Desamor*. Desde então, com o ofício de escritora se sobrepondo ao de repórter, mais de 30 livros foram publicados, e o conjunto de sua obra foi reconhecido pelo Prêmio Nacional das Letras Espanholas em 2017.

Presente na 2ª edição da Flip em 2004, Rosa Montero retornou este ano para a programação principal do evento, onde esteve na mesa "A Ridícula Ideia de Estar Lúcida", que brinca com a junção de dois títulos seus: *A Ridícula Ideia de Nunca Mais Te Ver* (2013) e o já citado *O Perigo de Estar Lúcida*. De volta mais de 21 anos depois de sua estreia na festa literária, ela reforça que o mais impactante em eventos como este é a comunicação entre escritores e leitores de diferentes lugares e gerações. "São uniões elétricas e maravilhosas. Esse público pode estar em contato com aquelas vozes que se identificaram; vozes que, de alguma maneira, salvam, não porque a literatura é uma janela do mundo, mas uma janela de salvação pessoal que te permite encontrar almas gêmeas." →



**A LOUCA DA CASA**

(EDITORA TODAVIA, R\$ 72,90)

# RYANE LEÃO

Depois de vender mais de 150 mil exemplares com seus dois primeiros livros, a poeta mato-grossense Ryane Leão retorna às prateleiras com *Ninguém Pode Parar uma Mulher Ventania*, lançado em abril pela editora Planeta. A nova obra reafirma o lugar da autora como uma das vozes mais potentes da poesia brasileira contemporânea. Dividido em três partes, o livro entrelaça sentimentos, ancestralidade, espiritualidade e corpo, sem medo das contradições.

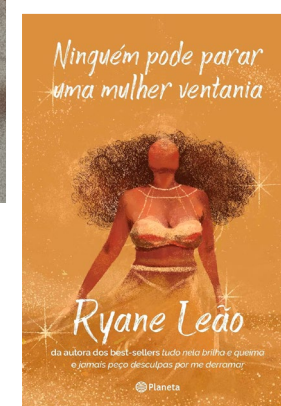
Poeta, educadora e criadora do projeto *Odara – English School for Black People*, Ryane construiu uma base fiel de leitores que a acompanham desde os tempos dos blogs. Sua escrita, como ela mesma diz, nasceu com ela: "Escrever sempre foi assistir meu corpo se movimentar pela descoberta de estar no mundo". Mas foi ao conhecer os slams, saraus e poetas como Mel Duarte e Jenyffer Nascimento que percebeu que a literatura podia ser também um caminho. "Quando vi essas autoras declamando, percebi que eu também era possível."

Em *Ninguém Pode Parar uma Mulher Ventania*, ela escreve sobre os ventos internos que nos atravessam, inclusive aqueles que tentamos evitar. "Este livro foi muito difícil de ser escrito. Não saía de jeito nenhum enquanto eu não olhasse no espelho e agradecesse pela minha própria estrada", comenta. O resultado é um passeio poético por todas as fases do vento – o silêncio, a dança, a tempestade – como metáforas para amadurecimento, cura e permanência.

Com uma poética profundamente marcada pelo afeto, pela luta e pela imaginação, Ryane costura temas como amor, religiosidade, perda, autoaceitação e identidade racial. "Eu não serei uma mulher que diz não ao amor. Eu não serei definida pelos meus traumas. Eu sou carne banhada de sagrado", afirma, reforçando sua crença de que a poesia é uma forma de cura e conversa com o futuro.

As redes sociais foram importantes para ampliar sua voz, mas ela faz questão de manter a sensibilidade da troca: "Recebo mensagens de pessoas que disseram que se salvaram pela minha escrita, que levantaram da cama, que romperam relações abusivas. Isso me emociona." Apesar dos desafios enfrentados como criadora de conteúdo negra, ela segue fiel ao seu compromisso com a palavra. "Antes de tudo, há de se ter um compromisso com o próprio nome. E esse compromisso eu já firmei há muito tempo."

Ryane escreve como quem visita abismos e retorna com as mãos cheias de possibilidades. Seus versos atravessam o tempo: entre o que fomos, o que somos e o que ainda podemos ser. É uma escuta atenta ao porvir – e com todas as mulheres que se recusam a voltar atrás: "A poesia é essa conversa com o futuro constante".



**NINGUÉM PODE PARAR  
UMA MULHER VENTANIA**

(EDITORA PLANETA, R\$ 61,90)